

Ler a Escritura seriamente, não literalmente

Fé e fidelidade são os temas principais destas leituras bíblicas de Dt 30.15-20, Sl 1, e Lc 14.25-33. O autor de Deuteronômio pretende falar por Deus. E diz que Deus fala: “A escolha é sua. Faça isso, e coisas boas serão suas. Faça aquilo, e você perecerá”. “Estou colocando diante de você a vida e a morte, bênçãos e desgraças. Escolha a vida para que você e seus descendentes possam viver”.

O Salmista escreve a mesma coisa poeticamente. Ele termina com esta frase: “Porque Deus conhece o caminho dos justos, enquanto o caminho dos injustos perecerá”.

É bem parecido na lição do evangelho, também. Jesus parece insistir em confrontar os seus futuros seguidores com escolhas extremas: “Quem vem a mim e não dá preferência mais a mim do que todas às outras coisas, não pode ser meu discípulo. Quem não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo”. E depois duas pequenas parábolas: uma avisando da necessidade de calcular o custo de um projeto de construção antes de começá-lo, e outra, na mesma linha, mas num contexto militar. A lição termina com mais palavras duras e desmotivadoras, “Do mesmo modo, portanto, qualquer de vocês, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo”.

Mais uma vez, o desafio é de ter fé e de ser fiel: fé de uma qualidade que coloque todas as outras coisas de lado, até a própria vida, e que visa realizar somente a fidelidade total. Estas lições deixam desesperado até o mais determinado dos futuros discípulos.

Como devemos entendê-las?

Escutei um sermão (do Rev. James Bottoms) na semana passada onde dois textos difíceis igualmente foram enfrentados. Ele distinguiu *entre entender Jesus literalmente, e entendê-lo com seriedade*, e todos temos dívidas com ele. As suas palavras sábias nos ajudam através dos textos tão perturbadores de hoje. Pois estes textos também não devem ser entendidos literalmente, mas sim, seriamente.

Enquanto colocamos isto em prática, vamos lembrar os 2000 anos ou mais que separa a nossa geração das gerações em que estes textos foram escritos. Por isso, três pontos a ser lembrados:

1. Nenhum estudioso sério faria qualquer estudo bíblico sem prestar bem atenção ao contexto histórico do texto.
2. Assim, os estudiosos consideram uma tolice ignorar a passagem dos anos entre os eventos das Escrituras Sagradas e o nosso tempo. Como avisa o auto-falante em algumas estações do Metrô de Londres: “Mind the Gap” (“Cuidado com a fresta!” – pois há um espaço vazio maior que o usual entre os vagões e a plataforma da estação”).
3. Mil coisas mudaram durante os mil anos da “fresta”. A cultura do século 20, agora quase o século 21, é muito diferente da cultura dos autores de Deuteronômio ou dos Salmos, ou dos autores do Novo Testamento.

A nossa cultura não é a deles, e ignorar a “fresta” e fazer de conta que ela não existe é perigoso. Ajudou-me bastante lembrar desses três fatores quando refleti sobre as nossas lições de hoje.

Quando colocamos o texto de Deuteronômio no seu contexto, conseguimos entender imediatamente o conselho bastante duro colocado ao povo em Nome do Senhor. Pensemos na história do povo. Existe algo que não era para fazer que eles fizeram? Eles deixaram de usar alguma habilidade? Acho que não... ... na leitura do evangelho, Jesus está subindo para Jerusalém para começar a sua Paixão. Acabará na sua morte na cruz. Estes também são as últimas instruções às pessoas que Ele sabia eram frágeis como água. Agora também não é hora de ser sutil. Então, recebemos a verdade – pura e simples. “Ou está comigo ou não está”. *Ou você tem a fé e é fiel, ou você não é nada!*

Eu, eu acredito, no fim, que é mais ou menos isso. *É uma questão de ter fé e ser fiel...*

A experiência me diz que a maioria das pessoas são pessoas de fé, mas estão num processo de amadurecimento plenamente na fé. Onde estão?... A resposta varia de um membro para o outro, mas todo o mundo está em algum lugar no dia a dia...

Portanto, caros e caríssimos irmãos e irmãs, estes textos complicados não devem ser entendidos literalmente, mas com certeza devem ser levados a sério. Espera-se ver em nós a fé, - uma fé de qualidade 100%, a fé pura e perfeita, - e trabalhamos nisso toda a nossa vida. Não começamos com esta qualidade de fé e de compromisso, mas sempre o buscamos. É nosso objetivo. É nossa ambição espiritual. Não deveríamos aceitar menos.

Eu deixei o texto da Carta a Filemon para agora porque este texto mostra perfeitamente a nossa necessidade de levar em conta a passagem do tempo da época das Escrituras Sagradas até a nossa época contemporânea. Não se pode nem deve saltar “a fresta” de milhares de anos como se isso não existisse, ou como se não importasse. Nenhum estudante sério da Bíblia faria isso.

Onésimo era um escravo que fugiu do seu dono. Ele se encontrou com o Apóstolo Paulo e foi muito útil para ele. Isto podemos deduzir do relato brilhante de Paulo na Carta de Filemon. Paulo manda Onésimo de volta para o seu dono. Paulo não condena Filemon por ter escravos. Ele não coloca os pés de Onésimo no Caminho da Liberdade da época, um caminho que poderia permitir que ele fugisse. Paulo manda o Onésimo de volta para a escravidão.

Se reagirmos a esta Escritura sem qualquer referência ao seu contexto histórico, estaríamos cometendo o erro que evitamos com tanto cuidado nos outros textos. A cultura em que este texto se encontra não é a nossa, e seria um grande equívoco ignorar este fato. A escravidão fazia parte da cultura da época, e mesmo que a deploremos hoje, e falemos mal dos que a realizavam, temos que lembrar a nossa vantagem.

Vivemos em tempos mais esclarecimentos. Ao mesmo tempo em que talvez quiséssemos que São Paulo tivesse lutado contra os males da escravidão, a verdade é que ele não lutou. Ele a aceitou como parte da cultura da sua época.

Ele aplicou à situação os ensinamentos de Cristo, na maneira em que os entendia: pediu misericórdia e benignidade para Onésimo, mas não que Onésimo recebesse a sua liberdade. Paulo era um homem da sua época – de quase dois milênios atrás – e trabalhou dentro das limitações que tinha. Ele não sabia nada do nosso tempo, as suas descobertas ou introspecções. Ele aceitou a situação assim como a encontrou, aplicou nela a lei de amor e misericórdia do Cristo, e agiu apropriadamente. Chegar 2000 anos depois e dizer que ele está errado, simplesmente não estaríamos sendo justos. Se Paulo soubesse então o que nós sabemos hoje, você acha mesmo que ele diria as coisas que dizia naquela época? É perigosamente literalista pegar os textos sagrados sem uma referência apropriada ao contexto em que foram escritos. No meu pensar, fazer isto é deixar de levá-los a sério. É uma forma de idolatria!

Reconheço que o que eu digo é perigoso. Mas não vejo como evitar o perigo, e você?

Vamos ver a última Conferência de Lambeth. Uma das poucas importantes questões estudadas pelos nossos bispos foi a do homossexualismo, e como a igreja deve exercer o ministério para e com os homossexuais. Talvez lembrem que depois do debate, o qual foi bastante amargo, os bispos, em expressiva maioria, mas de maneira surpreendente, optaram por uma interpretação literalista das Escrituras.

Os jornais relataram isto como uma vitória conservadora, mas eu gostaria de firmemente questionar isto. Parece-se ser uma decisão baseada principalmente na cultura de onde vinha a maioria dos bispos que votaram culturas bastante marcadas pelo medo e pela política. Os bispos africanos (e asiáticos), cujo voto foi extremamente forte, não conseguiram aceitar, e talvez nem possamos querer que aceitassem qualquer tipo de sutileza no assunto. Para enfrentar o que eles têm que enfrentar quando chegam às suas dioceses, só podem lidar com absolutos. Descrever o seu voto ansioso como a “reação bongo” como já ouvi dizer, é não dar a merecida importância à sua situação. É criticá-los pela crise na sua cultura.

O difícil (e a Conferência de Lambeth não conseguiu nos ajudar aqui) é entender de que forma podemos resistir como uma comunhão quando até nossas próprias reações ao Evangelho no nosso próprio contexto cultural nos causam conflitos, sem falar da dificuldade em manter em comunhão aqueles cuja cultura é bastante diferente do que a nossa, e cujas reações ao Evangelho diferem dramaticamente. (Um bispo latino-americano disse a um colega, logo após a decisão, que estava mais do que claro que “assim como a Bíblia nos unia, a sua hermenêutica nos dividia...”).

Se algo já se demonstrou ser claramente influenciado pela cultura, os votos dos bispos africanos sobre as questões de homossexualismo provaram para mim definitivamente que a reação ao homossexualismo na igreja é muito menos teológica do que cultural.

A reação do Paulo a respeito da situação do Onésimo está enraizada na cultura do seu dia em termos da escravidão. Passariam séculos antes que alguém descobrisse a falha nesta atitude, e aplicasse a teologia além do que é

aceito culturalmente, até o que talvez seja considerado por todos, uma visão maior da humanidade. A escravidão é contrária ao *amor de Deus*, como foi manifestado no Cristo Jesus.

Esta é, evidentemente, a minha chave das Escrituras. Aplicando o amor de Jesus a cada situação. É sempre libertador, numa fácil, mas é essencial se queremos levar a nossa fé seriamente. Ao invés de literalmente. Amém!

→ *Este texto é um extrato do sermão na Igreja Episcopal da Transfiguração, em Dallas, Texas, EUA, nos dias 9 e 10 de setembro de 1998, escrito por seu reitor, Rev. Terence C. Roper, pregando sobre fé & fidelidade (ver Deuteronômio 30.15-20; Salmo 1; Lucas 14.25-33).*

→ *Tradução de Ruth S-F de Barros, para uso interno na Diocese Sul-Occidental da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, em Santa Maria / RS, 18 de outubro de 1999 AD, dia do Apóstolo São Lucas.*